



O ABISMO ENTRE O TREINAMENTO INSTRUMENTAL E O LETRAMENTO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Danilo Augusto Dias | Universidade Federal de São Carlos | danilodias@estudante.ufscar.br
Daniel Mill | Universidade Federal de São Carlos | mill@ufscar.br

GT 2: Metodologias, avaliação e Formação de professores para EaD

Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar resultados empíricos sobre a institucionalização do ensino híbrido, analisando o abismo existente entre o treinamento instrumental e o letramento pedagógico na formação dos professores. Em termos metodológicos, a pesquisa utilizou questionários e entrevistas com 280 docentes de todos os estados do país, fundamentando as análises sob a lente teórica do Institucionalismo Habitado. Os resultados revelam que a ausência de amparo atinge a maior parcela dos profissionais, com quase 51% da amostra indicando não ter recebido formação específica da instituição. Conclui-se que o suporte institucional, quando ofertado, limita-se predominantemente a um treinamento técnico e mecanicista. Sem a qualificação pedagógica adequada, o espaço virtual conforma-se às antigas práticas transmissivas, reduzindo a tecnologia a um depósito gélido que consolida o enquadramento técnico da docência.

Palavras-chave: Ambiente Virtual de Aprendizagem. Ensino Híbrido. Institucionalismo Habitado. Universidade pública.

1 Introdução

Compreendemos que a transição para os modelos mistos de educação no ensino superior público brasileiro transcende a mera sobreposição de encontros físicos e virtuais. O movimento exige uma reestruturação profunda da cultura acadêmica e do próprio fazer pedagógico, demandando processos de qualificação que superem o manejo técnico básico para alcançar a sofisticação exigida pela transposição didática. Ao analisarmos a realidade das nossas universidades, contudo, defrontamo-nos com uma disrupção ontológica mascarada por discursos modernizantes. O presente trabalho, excerto da dissertação de mestrado do autor principal, busca apresentar alguns resultados da pesquisa realizada com docentes universitários brasileiros sobre a institucionalização do ensino híbrido no ensino superior e os seus impactos na prática docente. Por meio de questionários e entrevistas, onde obtivemos a participação de 280 docentes de todos os estados brasileiros, foi possível verificar como a hibridização é inserida na sala de aula, o impacto na prática docente e como os próprios docentes reinventam as normativas e regulações institucionais de forma a traduzir um movimento de cima para baixo numa realidade concreta. Nesse ponto, a formação docente oferecida pelas universidades também foi objeto de escrutínio pela pesquisa principal, analisando como a instituição prepara (ou não) o seu corpo docente para a utilização das novas abordagens metodológicas híbridas. Como linha teórica para a análise dos dados foi adotado o Institucionalismo Habitado. Essa vertente teórica, consolidada a partir dos estudos de Tim Hallett e Marc Ventresca, promove



uma virada interacional explícita ao rejeitar a imagem do educador como uma marionete cultural destituída de agência (Hallett; Ventresca, 2006).

2 Desenvolvimento

A máquina universitária confunde deliberadamente a instrução mecânica de um software com o desenvolvimento intelectual do seu corpo docente, ao oferecer tutoriais vazios como se fossem o ápice da modernização. O treinamento restringe-se à superfície da técnica, adestrando o trabalhador para anexar arquivos em formato PDF no Moodle ou para silenciar microfones em uma videoconferência. Ignora-se, assim, a complexidade visceral exigida pela sala de aula híbrida. Como forma de capturar uma informação essencial, questionamos os docentes sobre a disponibilidade de formação sobre o ensino híbrido oferecida pelas instituições onde atuam. Com 141 indicações, totalizando quase 51% da amostra, a ausência de amparo atinge a maior parcela dos profissionais. Somam-se a esse grupo outros 7,2% que afirmam não existir qualquer formação sobre o tema em suas instituições, evidenciando que o déficit orientativo figura como um dos maiores gargalos para a efetivação metodológica. Apenas cerca de 30% dos educadores atestaram ter recebido algum preparo formal. Fica evidente que a transição para os modelos de ensino híbrido ocorreu, na maioria dos casos, de forma solitária, desprovida de ciclos de estudos patrocinados pelas instâncias competentes.

Sobre os recursos tecnológicos empregados pelos docentes para a efetivação das práticas de ensino híbrido, destacou-se o uso do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) como o principal elemento conector da prática presencial com as atividades desenvolvidas no ciberespaço. Com 153 citações, a liderança do AVA confirma seu caráter oficial e exigido, mas sua gestão merece questionamento. Dessa forma, solicitamos aos docentes que indicassem como era feito o uso do AVA, conforme demonstrado na Tabela abaixo.

Tabela 1: Uso do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)

Alternativa que mais se aproxima da realidade docente	Nº de respostas	%
O AVA é utilizado de forma integrada a uma proposta de ensino híbrida no curso/disciplina. Nele são desenvolvidas atividades diversas e também o processo de avaliação.	94	50,0%
O AVA é utilizado apenas para disponibilizar textos e outros materiais digitais aos estudantes, não havendo interação nesse ambiente.	61	32,4%
Não utilizo o AVA.	17	9,0%
O AVA é utilizado como um local apenas para aplicação de testes ou outras atividades avaliativas.	14	7,4%
O AVA é utilizado essencialmente para o cumprimento de carga horária, não tendo uma proposta pedagógica ou metodológica específica.	2	1,1%
Total Válido	188	100%

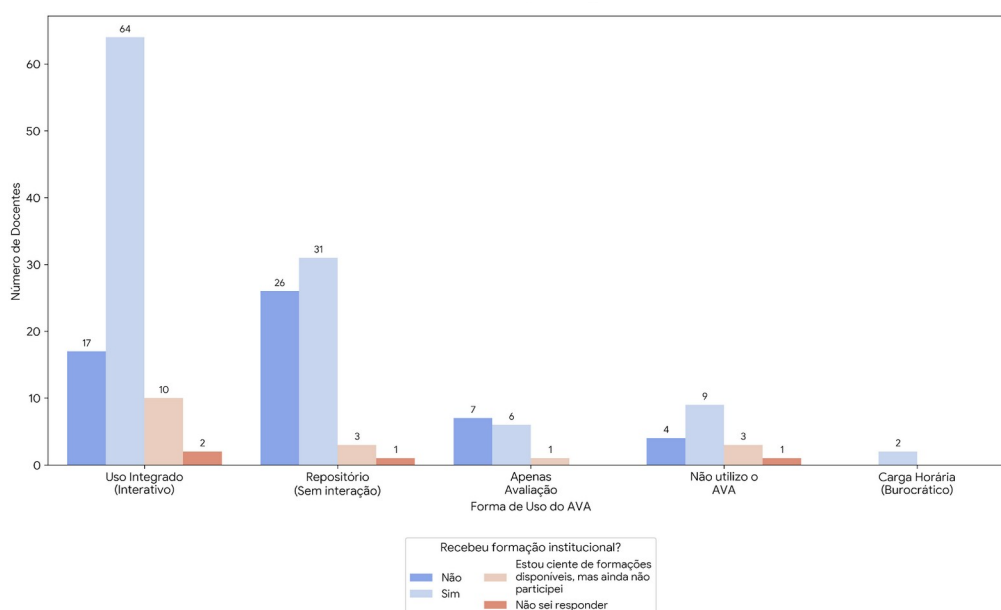
Fonte: Dados da pesquisa.



Cerca de 32,4% dos professores, totalizando 61 participantes, assumem recorrer à plataforma unicamente para disponibilizar textos e materiais complementares. Eles confirmam abertamente a ausência completa de interação no espaço digital. Agrupados aos educadores que não utilizam o AVA sob nenhuma hipótese ou que o fazem de maneira estritamente burocrática para justificar cargas horárias, consolida-se um cenário preocupante. A universidade investe milhões na manutenção de servidores robustos e na aquisição de interfaces interativas, contudo a gramática tradicional resiste à mudança e converte o artefato em uma espécie de biblioteca estática ou em um mural de avisos mudos. O local que deveria instigar o conflito dialógico transmuta-se em um reduto de passividade que sufoca a inteligência coletiva (Lévy, 1999).

Realizamos um cruzamento de dados para obter uma visão mais detalhada: combinamos as respostas sobre a oferta de capacitação com aquela que versou sobre a aplicação prática do AVA. Esse ponto de intersecção permite debater criticamente o papel das políticas de formação no ensino híbrido universitário. Os resultados são exibidos no gráfico abaixo.

Figura 30 – Impacto da formação no uso do AVA



Fonte: Dados da pesquisa.

Na categoria de uso integrado e interativo, 93 educadores realizam atividades diversificadas no sistema. Destes, a vasta maioria (64) possui preparo específico; apenas 17 não passaram por essa etapa, enquanto 10 optaram por não participar da oferta. Em contraste, o grupo que utiliza a ferramenta mero como repositório (61 participantes) apresenta um cenário



mais dividido: 31 foram capacitados, mas 26 não, o que representa um contingente expressivo de não letrados. Já no grupo focado apenas em avaliações (14 sujeitos), 6 foram instruídos e 7 não. Curiosamente, entre os 17 professores que dispensam totalmente o recurso digital, nove relataram ter participado de iniciativas de letramento institucional.

O dado mais relevante aponta para uma forte correlação entre formação e uso avançado da tecnologia. No segmento interativo, a proporção de docentes capacitados é significativamente alta. Esse cenário confirma que a inovação tecnológica exige mais do que infraestrutura; ela demanda um letramento pedagógico contínuo. A qualificação atua como um motor para superar o modelo transmissivo, viabilizar recursos diversos e fomentar um ambiente de diálogo.

No entanto, o paradoxo mais evidente aparece no agrupamento que usa a plataforma apenas como repositório estático, onde 31 indivíduos já receberam formação. Isso impõe uma reflexão: por que um profissional capacitado opta por uma prática engessada? A hipótese mais plausível é que o preparo institucional tenha um caráter puramente tecnicista, falhando em estimular o uso pedagógico avançado.

O grupo caracterizado pela ausência de interação revela 26 profissionais que não participaram de cursos de formação. A carência de fundamentação pedagógica reduz o uso do aparato técnico a uma prática empobrecida. A imposição do ensino híbrido por meio de normativas institucionais, desacompanhada de uma qualificação crítica dos professores, deixa o educador em situação de vulnerabilidade e desamparo.

Dessa forma, a presença da formação ofertada de forma institucional, ainda que não seja uma garantia absoluta de um uso efetivamente pedagógico dos elementos tecnológicos, figura como elemento importante para a inserção de uma nova abordagem metodológica, como o ensino híbrido, no ensino superior. Sem ela, existe o perigo de que o espaço digital se reduza a um depósito gélido de documentos em PDF e a painéis de notificações silenciosos, materializando a crítica heideggeriana acerca do enquadramento técnico da existência (Heidegger, 1977) ou, ainda, a conformação dos recursos inovadores às práticas tradicionais de ensino transmissivo (Dias, 2023).

Considerações Finais

Em virtude da popularização dos modelos híbridos de ensino, torna-se fundamental compreender como essa abordagem metodológica impacta concretamente a sala de aula. Nesse esforço, buscamos junto aos docentes as informações necessárias sobre o processo de institucionalização do ensino híbrido no ensino superior brasileiro. Nossa pesquisa abordou, entre outros, a questão da formação docente para o uso das tecnologias digitais que, por sua



natureza interativa e acessível, facilitam a integração dos espaços físico e virtual, uma característica percebida como sinônimo daquilo que se compreende como ensino híbrido. Essa convergência entre espaços mediada pelas tecnologias requer, por sua vez, uma profunda reconfiguração da prática docente, evitando-se transpor a mesma metodologia transmissiva empregada no ensino presencial convencional para o ambiente digital. Nesse sentido, constatamos o abismo que ainda existe entre o uso das tecnologias e o seu “uso pedagógico”. A pesquisa forneceu dados para concluirmos que a presença de suporte institucional, na forma de cursos ou momentos formativos voltados para os docentes, ainda é uma prática pouco disseminada e, quando existe, limita-se ao treinamento técnico e não a uma formação pedagógica. Dessa forma, revela-se um verdadeiro abismo entre o treinamento instrumental e o letramento pedagógico na formação docente.

Referências

- DIAS, Danilo Augusto. Educação bancária high tech: um risco para a educação a distância. In: III Congresso Brasileiro de Educação a Distância On-Line. 18 jul. 2023. **Anais do III Congresso Brasileiro de Educação a Distância On-line**. [S.l.]: Revista Multidisciplinar de Educação e Meio Ambiente, 18 jul. 2023. Disponível em: <https://ime.events/conbraed2023/pdf/20837>. Acesso em: 29 set. 2024.
- HALLETT, Tim; VENTRESCA, Marc J. **Inhabited Institutions: Social Interactions and Organizational Forms in Gouldner's Patterns of Industrial Bureaucracy**. Theory and Society, [S.l.], v. 35, n. 2, p. 213–236, abr. 2006.
- HEIDEGGER, Martin. **The Question Concerning Technology, and Other Essays**. Tradutor: William (Trans.) Lovitt. New York; London: Garland Publishing, 1977.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. SÃO PAULO, SP: Editora 34, 1999. 251 p.